

A HERMENÊUTICA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

HERMENEUTICS AS A METHODOLOGICAL RESEARCH RESOURCE IN THE HISTORY OF EDUCATION

L'HERMENEUTIQUE COMME RESSOURCE DE RECHERCHE METHODOLOGIQUE EN HISTOIRE DE L'EDUCATION

Marcos Saiande Casado¹

Antonio Basílio Novaes Thomaz de Menezes²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo geral discutir aspectos da hermenêutica como recurso metodológico na pesquisa em educação e possui como objetivos específicos: a) apresentar, de modo sintético, a evolução do método hermenêutico; b) apresentar a hermenêutica como uma ferramenta para a pesquisa em história da educação e/ou em história das ideias pedagógicas; e c) oferecer um possível instrumento para utilização da hermenêutica como método de pesquisa. Para tanto, utilizaremos o recurso da pesquisa bibliográfica e dos elementos da pesquisa documental comparativa com especial atenção aos trabalhos de Gadamer, O problema da consciência histórica (2006) e Verdade e Método (1997), como fontes primárias, e o livro Hermenêutica (1999) de Richard Palmer e o artigo Hermenêutica de Gilhus (2016), como recursos auxiliares de pesquisa. A título de conclusão pretendemos apresentar um possível instrumento de pesquisa que consiste em cinco passos para a realização da compreensão de um texto, a saber: I) Pré-compreensão, II) Reconhecimento, III) Sobreposição de horizontes, IV) Escuta do texto e V) Compreensão.

Palavras-Chave: Hermenêutica; Método; História da Educação.

Abstract

The present work has as general objective to discuss aspects of hermeneutics as a methodological resource for research in education and it has as specific objectives: a) to present the evolution of the hermeneutic method synthetically; b) to present hermeneutics as a tool for research in the History of Education and / or in the History of pedagogical ideas; and c) to provide a possible tool for the use of hermeneutics as a research method. For this, we are going to use as study resources the bibliographic research and the elements of comparative documentary research with special attention to the works of Gadamer, The Problem of Historical Consciousness (2006) and Truth and Method (1997), as primary sources, and the book Hermeneutics (1999) written by Richard Palmer and the article Hermeneutics written by Gilhus (2016), as auxiliary research resources. In conclusion, we intend to provide a possible research tool which presents five steps for achieving the comprehension of a text, namely: I) Pre-understanding, II) Recognition, III) Overlapping horizons, IV) Text listening and V) Understanding.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente no Programa de Pós-graduação em Filosofia e do Programa do Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Keywords: Hermeneutics; Method; History of Education.

Résumé

Le présent travail a pour objectif général de discuter des aspects de l'herméneutique en tant que ressource méthodologique dans la recherche en éducation et a pour objectifs spécifiques de : a) présenter, de manière synthétique, l'évolution de la méthode herméneutique ; b) présenter l'herméneutique comme un outil de recherche en histoire de l'éducation et/ou en histoire des idées pédagogiques ; et c) offrir un outil possible pour utiliser l'herméneutique comme méthode de recherche. À cette fin, nous ferons appel à la recherche bibliographique et à des éléments de la recherche documentaire comparative avec une attention particulière aux travaux de Gadamer, tels que : Le problème de la conscience historique (2006) et Vérité et Méthode (1997), comme sources primaires, et le livre Hermeneutics (1999) de Richard Palmer et l'article Hermeneutics de Gilhus (2016), comme ressources de recherche auxiliaires. Pour conclure, nous prétendons formuler un éventuel instrument de recherche qui présentera cinq étapes pour la compréhension d'un texte, à savoir : I) Pré-compréhension, II) Reconnaissance, III) Chevauchement d'horizons, IV) Écoute du texte et V) Compréhension.

Mots clés: Herméneutique; Méthode; Histoire de l'éducation.

Introdução

O nosso encontro com a hermenêutica se deu no momento que nos deparamos com a necessidade de buscar um recurso metodológico que nos desse suporte para o nosso trabalho de pesquisa de doutorado. Nos propúnhamos estudar o tema da formação do homem e do cidadão no pensamento de Jean-Jacques Rousseau e isso significava que lidaríamos basicamente com o trabalho de leitura e compreensão de textos de um autor distante de nós mais de três séculos. Poderíamos ter recorrido a ortodoxia analítica das metodologias próprias da filosofia, mas certamente reduziríamos muito o potencial exploratório que nosso tema oferece. Não que os demais métodos filosóficos sejam de menor importância, mas como se trata de um tema que habita a região comum da filosofia e da história da educação, buscamos um método que nos permitisse explorar os elementos que estão para além da interpretação analítica interna ao texto. Aspectos relacionados do contexto que a obra foi escrita, da biografia do autor e de seus principais interlocutores, as camadas de significados que os diversos círculos de intérpretes deram no decorrer do tempo, também nos interessava.

O método hermenêutico acompanha os pesquisadores da área de humanidades como importante recurso para o desenvolvimento de trabalhos, sobretudo, no que diz respeito às tarefas de filósofos, historiadores e juristas. Aquilo que hoje

conhecemos pelo rótulo de hermenêutica, trata-se de um método que nasceu como esforço de reunir o que se subdividia em disciplinas estanque, filologia, teologia e interpretação jurídica. Até o século XIX, essas hermenêuticas especiais funcionavam de forma autônoma não se verificando correlação sistêmica entre elas. Com vistas a superar essa fragmentação, Schleiermacher desenvolve o projeto de uma hermenêutica geral com o objetivo de se obter uma arte da compreensão que se ocupasse tanto de textos jurídicos, religiosos, literários e filosóficos. A partir daí o método hermenêutico não parou de se revisar. Os trabalhos de Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger e Gadamer, se ocuparam em reformular e ampliar as bases teóricas e conceituais do que hoje nos chega com o título de hermenêutica.

A formação desse recurso metodológico possui uma história relativamente longa. O primeiro esforço de reunir aquilo que hoje conhecemos pelo rótulo de hermenêutica e que se resumia aos trabalhos de filologia, teologia ou de interpretação jurídica, foi empreendido por Schleiermacher. Até então as chamadas hermenêuticas especiais, isto é, a interpretação de textos religiosos, de textos jurídicos e filosóficos, funcionava de forma autônoma não se verificando correlação sistêmica entre elas. Com vistas a superar essa fragmentação, Schleiermacher desenvolve seu projeto de uma hermenêutica geral com o objetivo de se obter uma arte da compreensão que se ocupasse tanto de textos jurídicos, religiosos, literários como também de uma obra de arte. Para Richard Palmer:

Assim Schleiermacher ultrapassou decisivamente a visão da hermenêutica como um conjunto de métodos acumulados por tentativas e erros e defendeu a legitimidade de uma arte geral da compreensão anterior a qualquer arte especial da interpretação. (PALMER, 199, p.101)

Contudo, Schleiermacher não buscava estabelecer apenas um conjunto de regras gerais no qual se reunia as primitivas técnicas de interpretação, mas sim leis “pelas quais a compreensão opera – uma ciência da compreensão” (PALMER, 1999, p. 97). Em síntese, Schleiermacher promoveu uma mudança radical no trabalho da hermenêutica, pois para ele não se trata mais de apenas *interpretar*, mas de *compreender* as expressões humanas na história.

Seguindo os rastros de Schleiermacher, Wilhelm Dilthey resolveu ampliar os horizontes de ação da hermenêutica. Incomodava Dilthey a ausência de um

método próprio para as *Geisteswissenschaften*, isto é, “todas as humanidades e as ciências sociais, todas as disciplinas que interpretam as expressões da vida interior do homem, quer essas expressões sejam gestos, atos históricos, leis codificadas, obras de arte ou de literatura” (PALMER, 1999, p. 105). De um modo geral, as *Geisteswissenschaften* adaptavam os métodos das ciências da natureza em suas pesquisas, o que no entender de Dilthey, reduzia as ciências do homem a uma perspectiva quantitativa e mecanicista. Para Ingvild Sælid Gilhus (2016), o que caracteriza a concepção de hermenêutica de Dilthey é a definição de sua tarefa central. Se para Schleiermacher o objetivo do trabalho da hermenêutica se dava na tentativa de se captar a intenção original do autor, para Dilthey uma metodologia das ciências humanas deveria se concentrar na **compreensão** em oposição ao método **explicativo** das ciências da natureza. Segundo a referida autora, para Dilthey “os cientistas analisam o objeto a partir do exterior, enquanto os humanistas tentavam, via método hermenêutico, ver os objetos a partir de seu interior” (GILHUS, 2016, p.150).

Em sequência a essa fase estrutural da hermenêutica, chega-se a fase da revisão de suas bases filosóficas. Heidegger, seguido por Gadamer são os principais responsáveis por isso. Heidegger trata de rever o conceito de *compreensão*, fundamento da hermenêutica. A *compreensão* para Dilthey significava simplesmente uma operação daquilo que ele chamou de círculo hermenêutico, ou seja, a *compreensão* devia captar a “interação essencial recíproca do todo e das partes” de uma obra. Dito de outro modo, “[...] o todo recebe a sua definição das partes, e, reciprocamente, as partes só podem ser compreendidas na sua referência ao todo” (PALMER, 1999, p. 124). Para Heidegger, o ato de *compreensão* “é o poder de captar as possibilidades que cada um tem de ser, no contexto do mundo vital em que cada um existe”, e mais, “[...] a compreensão é a base de toda a interpretação; é contemporânea a nossa existência e está presente em todo o ato de interpretação” (PALMER, 1999, p. 135-136). Em Heidegger, não se trata de uma hermenêutica presa às questões de linguagem textual, mas de uma questão existência, do “estar no mundo” do ser humano.

O que está em jogo na análise feita por Heidegger é, em resumo, a superação dos traços do objetivismo que residiam na hermenêutica proposta por Dilthey, uma vez que a preocupação fundamental de Heidegger está em explicar o conceito de *compreensão* desde a ontologia. Em outras palavras, a compreensão deixa de ser algo que se

possua e passa a ser entendido como um modo de ser-no-mundo, é uma “[...] estrutura do ser que trona possível o exercício atual da compreensão a um nível empírico” (PALMER, 1999, p. 136), ou, de modo simples, “existir é interpretar a si e ao mundo”.

Atualmente, o maior dos expoentes da hermenêutica certamente é Gadamer. Seu trabalho representa um marco de virada para esta disciplina. Enquanto para os primeiros teóricos do assunto, as fronteiras da hermenêutica estava circunscrita aos limites das *Geisteswissenschaften*, Gadamer defende que ela deve, inclusive, se ocupar dos trabalhos de compreensão das ciências de um modo geral. O compreender, é para Gadamer, uma operação de “mediação entre o presente e o passado, é desenvolver em si mesmo toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós” (GADAMER, 2006, p. 71) e, portanto, a compreensão pode ser definida como “um evento histórico, dialético, linguístico – nas ciências, nas ciências humanas, na cozinha” (PALMER, 1999, p. 216). Além disso, o papel do intérprete é ressignificado na obra de Gadamer. O autor de *Verdade e Método* considera que como o intérprete está mergulhado em um contexto histórico e cultural, ao analisar determinada obra, decorre que as suas concepções são projetadas no objeto da interpretação e, ao seu turno, sofre significativas alteração à medida que se aprofunda a leitura do intérprete nesse objeto.

Vale destacar que, de modo algum, os preconceitos que o intérprete possui caráter negativo. Pelo contrário, eles são essenciais ao trabalho de compreensão. Afirma Gadamer em *Verdade e Método* (1997, p. 402) que “A compreensão do que está posto no texto consiste precisamente na elaboração desse projeto prévio, que, obviamente, tem que ir sendo constantemente revisado com base no que se dá conforme se avança na penetração do sentido.” e, portanto, os horizontes que o intérprete carrega se funde com os horizontes do texto analisado transformando-se em junta articuladora que promove a verdadeira compreensão.

Nos mostra, ainda, Gilhus (2016) que para Gadamer o trabalho de interpretação só é possível porque há uma conexão entre o passado e o presente traçando uma linha de continuidade histórica, de modo que todos nós acabamos por fazer parte da “*Wirkungsgeschichte*” (história dos efeitos) dos textos antigos. Isso marca uma mudança no posicionamento do leitor no círculo hermenêutico. Na versão proposta por Gadamer, o leitor deixa de ser o observador externo que tenta captar o sentido exato do

texto e passa a participar como ator no círculo hermenêutico. Vejamos na ilustração a seguir, construídas a partir do trabalho de Gilhus (2016) e de Palmer (1999) como se dá essa variação de entendimento do círculo hermenêutico comparando as perspectivas de Schleiermacher, Dilthey e de Gadamer:

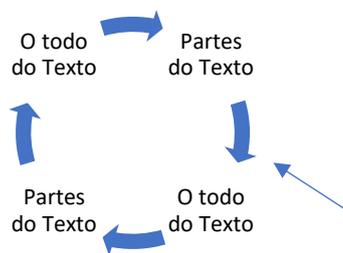


Figura 1 Schleiermacher e o círculo hermenêutico

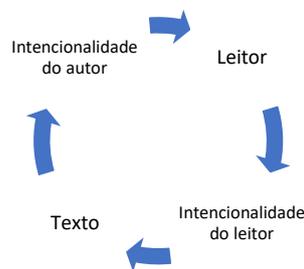


Figura 2 – Dilthey e o círculo hermenêutico



Figura 3 - Gadamer e o círculo hermenêutico

Podemos perceber que para Schleiermacher, o leitor é um agente externo ao círculo de compreensão. Interpretar é buscar, a partir do texto, a intenção original do autor estudado. Para Dilthey, demonstra a imagem, a preocupação do autor com o papel da intencionalidade, do leitor e do autor, no ato da interpretação. Já no círculo hermenêutico de Gadamer, podemos observar como o leitor está inserido de modo simbiótico no processo de compreensão. No primeiro modelo, podemos notar uma objetificação do texto analisado no sentido de que o leitor se posiciona no lugar do cientista cuja função, em termos gerais, se restringe a extrair a verdade do texto. No segundo modelo podemos perceber o movimento dialético que se estabelece entre os horizontes do leitor e do autor do texto.

Neste sentido, para a professora Maria Luísa Portocarrero Silva (2010, p. 5), “o trabalho do intérprete não deve limitar-se a uma cognição erudita ou a uma

reprodução do que diz o seu interlocutor”, mas, “fazer valer a opinião deste, da maneira que lhe pareça necessária, tendo em conta a verdadeira situação dialógica em que só ele se encontra, enquanto conhecedor da linguagem das duas partes.”. Nesse perspectivam, a hermenêutica e seu objetivo final, a compreensão, é muito mais um acontecer do que um procedimento metódico meticulosamente programado.

A hermenêutica como um instrumento de pesquisa

Mas em que medida os postulados de Gadamer poder ser traduzidos em um plano de ação para a compreensão de um texto? Em resposta a essa questão procuramos fixar pontos dos quais nos servimos para pavimentar, eventualmente, o caminho dos que pesquisam no campo das humanidades de maneira geral, e, de modo específico, da área da história da educação, em especial, para aqueles que se dedicam à história das ideias pedagógicas. Para tanto, partindo do hermenêutica filosófica proposta por Gadamer e tomando como referência a ideia de círculo hermenêutico, elaboramos o seguinte roteiro para os que desejam assumir esse recurso metodológico como instrumento de pesquisa:

- I. **Pré-compreensão**: o trabalho de compreensão deve iniciar com uma reflexão daquele que pretende analisar determinado texto sobre “[...] as ideias preconcebidas que resultam da situação hermenêutica em que se encontra. Ele deve legitimá-las, isto é, investigar a sua origem e seu valor” (GADAMER, 2006, p. 62).
- II. **Reconhecimento**: é importante ter em mente que todo texto pertence a um conjunto de obras do autor estudado e que essas obras se vinculam a um determinado gênero literário. Além disso, “[...] se quisermos apreender o texto na autenticidade de seu sentido originário, devemos percebê-lo como a manifestação de um certo momento num processo de criação e inseri-lo na totalidade do contexto espiritual do autor” (GADAMER, 2006, p. 58).
- III. **Sobreposição de horizontes**: o trabalho do intérprete não é o de penetrar totalmente nas estruturas do objeto a ser investigado (tarefa que de antemão se mostra impossível), “mas sim a de encontrar modos de uma interação viável entre o nosso horizonte e o horizonte do texto” (PALMER, 1999, p.

126). Considera Gadamer que “[...] o intérprete encontra-se suspenso entre o seu pertencimento a uma tradição e a sua distância com relação aos objetos que constituem o tema de suas pesquisas” (2006, p. 67).

- IV. **Escuta do texto:** Gadamer aponta para o fato de que devemos nos entregar de modo integral às exigências do texto, negando a historicidade daquele que pesquisa, por exemplo, um texto antigo. Para ele é “[...] na interação e fusão de horizontes, que o intérprete acaba por ouvir a questão que provocou o aparecimento do texto” (PALMER, 1999, p. 192). Do ponto de vista das implicações metodológicas, isto significa que não devemos “[...] tanto observar e ver o que está no texto”, mas, pelo contrário, devemos “[...] participar e ouvir o que o texto diz” (PALMER, 1999, p. 210).
- V. **Compreensão:** objetivo último do trabalho da hermenêutica, o ato de *compreensão* exige daquele que assume essa proposta de trabalho uma abertura para entender o tema de modo a sustentar uma explicação a outros interlocutores. O trabalho de compreensão é para Gadamer (2006, p. 65) caracterizado como “[...] um conjunto de relações circulares entre o todo e as partes”, isto é, “[...] após ter percorrido um texto em todas as suas direções e em todas as suas articulações, o movimento circular finalmente desaparece à luz de uma compreensão perfeita”.

Junta-se a esses elementos as diretrizes propostas por Gilhus (2016, p. 146-148) que, segundo essa autora, devem ser observadas para a análise hermenêutica de um texto. A primeira diretriz postula que se deve “[...] ler o texto lenta e detalhadamente”. Não importa o número de vezes que o leitor se debruçou em determinada obra, “o conhecimento obtido pela leitura inicial modifica os preconceitos [do leitor] e o texto vai ganhando cada vez mais a cada leitura subsequente.”. A segunda diretriz estabelece que se “deve explorar tudo o que se sabe sobre a linguagem e o contexto do texto”. Todo texto é, ao mesmo tempo, uma *teia* de “referências a conceitos, ideias, práticas e a outros textos”, e um *espelho* que, em alguma medida, reflete o contexto e o ambiente social do autor, aspectos que não devem ser ignorados na interpretação.

A terceira diretriz define que sempre é preciso “buscar a possibilidade de comparações culturais”. Além dos aspectos internos ao texto e dos elementos

contextuais que determinada obra está inserida, deve-se tomar materiais de comparação da mesma área cultural com vistas a “inspirar o intérprete a buscar significados e intenções que inicialmente passaram despercebidos”. A quarta diretriz “é estar consciente de que significados textuais estão sempre num fluxo”. Textos clássicos acabam por acumular “camadas de significados à medida que comunidades interpretadoras os foram comentando ao longo do tempo” e, portanto, o leitor deve estar ciente de que a sua interpretação se insere em um circuito de compreensão válido no espaço e tempo em que é produzido.

A quinta diretriz prescreve que sempre se deve perguntar: “de quem são os interesses promovidos no texto?”. Escrever e interpretar é uma prática ligada a grupos e a seus interesses. Exemplificam isso as incontáveis interpretações que os textos bíblicos possuem. Todas elas atendendo a interesses de indivíduos ou de grupos que estão para além do sentido primário do texto canônico. Às vezes nos perguntamos ao ler as interpretações dos textos bíblicos se os intérpretes tiveram acesso ao mesmo texto. A última diretriz postula que o intérprete deve sempre “tentar formular novas perguntas a um texto”. Um exemplo direto disso é, por exemplo, as leituras recentes que têm sido feitas dos textos Homéricos a respeito do papel da mulher. Interpretações, a reboque das discussões sobre o feminismo contemporâneo, tem despertado os leitores para reconhecer no Hino a Demeter elementos que podem dar indícios do papel que a mulher possuía na Grécia antiga.

Além disso, a escolha do recuso da hermenêutica como método de procedimento de pesquisa se apoia no fato de que não buscamos reconstruir o passado de um determinado autor ou de explicar as razões pelas quais ele escreveu o que escreveu, mas de tentar retirar o véu de questões que aparentemente estão pacificadas. Como diz Richard Palmer (1999, p. 152), “tentar ressuscitar Kant tal como ele era, seria um trabalho idiota”.

Segundo Gilhus (2016, p. 151), as vantagens do uso da hermenêutica como abordagem metodológica é o fato de “podemos questionar o que um texto supunha responder, mas podemos perguntar coisas que seu autor nunca sonhou que poderiam ser perguntadas”, pois um “texto é um expressão de um conhecimento cultural e sempre irá relatar mais do que seu(s) autor (es) pretendiam [...]”. Além disso, a referida

autora argumenta que utilizar a hermenêutica com textos antigos, isto é, aqueles que já possuem uma significativa tradição crítica, coloca o pesquisador em posição de vantagem em relação ao trabalho de estudar textos atuais, pois no caso de obras mais recuadas no tempo, o interprete tem acesso a informações de como, por exemplo, se deu a recepção pelo público de determinada obra ou como as obras desse autor foram utilizadas e o que eles significaram em contextos históricos e culturais posteriores a sua publicação.

Mas o leitor pode nos fazer a seguinte pergunta: uma vez empregada o método hermenêutico, como podemos saber se o resultado da análise é válido? Quem melhor responde a questão mais uma vez é Gilhus (2016, p. 148). Para a autora, há dois indícios que indicam que o trabalho da hermenêutica foi bem feito, a saber: o primeiro consiste em “[...] quando verificamos que tudo o que foi dito no texto foi levado em conta, e que as diversas partes da interpretação são consistentes entre si bem como com aquilo que já sabemos [...]”; e o segundo elemento de validação se dá no momento em que o trabalho é examinado pela comunidade científica a que pertence, ou seja, “uma interpretação que poucas pessoas além de seu autor consideram convincente é provavelmente falha”. A validação de uma determinada interpretação possui, assim, dois níveis de verificação, um interno, que é inerente ao trabalho do pesquisador e outra externa, que é certificada pela comunidade de mulheres e homens que se dedicam a determinado assunto.

Considerações Finais

Como vimos até aqui, a hermenêutica como recurso metodológico para pesquisadores que atuam nos campos específicos da história da educação ou da história das ideias pedagógicas, é um instrumento bastante valioso. Ao enfrentar os textos dos teóricos que integram a plêiade autores que formam os clássicos da área de educação, muitas vezes pode nos faltar instrumentos para guiar a nossa leitura. Some-se a isso o fato de que “A abordagem hermenêutica é metaforicamente caracterizada como dialógica, pois pressupõe um intercâmbio contínuo entre o pesquisador e o material da fonte.” (GILHUS, 2016, p. 145), fato que contribui, sobremaneira, nas pesquisas desenvolvidas nessa área.

Mesmo que as pesquisas nesse campo sejam realizadas dentro de outras perspectivas metodológicas, nada impede que o socorro a hermenêutica seja

como um recurso auxiliar, seja como um instrumento a ser combinado com outros métodos. Além disso, é importante destacar que quando um texto antigo é examinado apenas como uma peça de museu, que pertencem a um contexto historicamente datado, o leitor já transformou o presente em um pressuposto inabalável e o significado e as consequências que a compreensão de um determinado texto poderá ter no entendimento das questões presentes já se perderam.

Umberto Eco no seu mais famoso livro, *O nome da Rosa*, escreve a seguinte passagem no Prólogo ao livro: “[...] e a verdade, ao invés de cara a cara, manifesta-se deixando às vezes rastros (ai, quão ilegíveis) no erro do mundo, tanto que precisamos calculá-lo, soletrando os verdadeiros sinais [...]” (1983, p. 21). O trabalho do intérprete que apela aos princípios da hermenêutica como instrumento de compreensão pode ser resumido como aquele que busca a desvendar um enigma. A verdade do texto também exige que examinemos os rastros, seus sinais, que interpretemos considerando não só o texto, mas o contexto da obra, dos elementos biográficos do autor, e, por fim dos próprios horizontes daquele que interpreta.

Referências

ECO, U. **O nome da Rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 1983.

GADAMER, H.-G. **Verdade e Método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

GADAMER, H.-G. **O problema da consciência histórica**. Tradução de Paulo Cesar Duque Estrada. 3ª. ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora da FGV, 2006.

GILHUS, I. S. Hermenêutica. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, 16, n. 2, 2016. 144-156. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/29431>>. Acesso em: 29 julho 2020.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa/PT: Edições 70, 1999.

SILVA, M. L. P. **Conceitos fundamentais de Hemenêutica Filosófica**. Coimbra/PT: LIF-TEXTOS, 2010. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/lif/>>

Artigo recebido em: 17 de novembro de 2020

Aprovado em: 12 de dezembro de 2020

SOBRE XS AUTORXS:

Marcos Saiande Casado é licenciado em Matemática, com bacharelado em licenciatura em Filosofia. Mestre em Educação. Integrante do grupo de pesquisa Fundamentos da Educação e Práticas Culturais e do Grupo de Pesquisa em Ética e Filosofia Política.

Contato: marcossacasado@hotmail.com

ORCID: [0000-0003-0926-0899](https://orcid.org/0000-0003-0926-0899)

Antonio Basílio Novaes Thomaz de Menezes é licenciado, bacharel e metre em Filosofia, doutorado em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa Fundamentos da Educação e Práticas Culturais e Membro do Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política. Desenvolve pesquisas em torno dos temas da Modernidade, Higienismo e Crítica da Sociedade com especial interesse em Rousseau, Habermas e Foucault.

Contato: gpfe.ufrn@gmail.com

ORCID: [0000-0001-7841-2118](https://orcid.org/0000-0001-7841-2118)